

Deponente: Cleuza Cecília do Marcelino de Souza Krenak.

Entrevistador: Juliana Ventura de Souza Fernandes, Marco Túlio Antunes Gomes, Paulo Afonso Moreira e Pedro Berutti Marques.

Data: 20 de março de 2017.

JULIANA: (Trecho incompreensível) relatório a senhora e nem a família estava aqui, estavam em Vanuire, é isso?

CLEUZA: Estava no Vanuire, mas a gente acompanhava de lá, né? Também.

JULIANA: O quê que a senhora ouvia?

CLEUZA: Ah que eles judiavam muito dos pessoal, não podia falar língua, né? Se falasse a língua ia preso, era isso. Minha mãe, eu... Eu sempre falo que eu vim aprender a língua com a Deja e a Laurita, né, porque a minha mãe não ensinava, porque ela tinha medo, né? Ela falava que ela num queria que nós fosse passar o que ela passou, né? Aí tinha medo de ensinar a língua pra gente, aí eu já vim aprender a falar a língua já bem, bem... Eu já tinha meus menino tudo, já. Sabia alguma coisa, né? Mas aprender mesmo, eu vim bem já de idade, porque ela num queria falar. Não falava pra nós, ela falava que tinha medo, né? De nós sofrer o que ela sofreu.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (Trecho incompreensível).

CLEUZA: Tinha medo... E aí ela não quis voltar pra cá mais, porque ela tinha na mente que ia sofrer mesmo, a mesma coisa. A gente chamava ela pra vim embora, ela falava “Vô lá pra quê? Pra eles mandar a gente vim bora de novo?” A mente dela, né? Tava...

JULIANA: E ela conta, assim, como que foi essa ida, primeiro pros Maxakali, depois (trecho incompreensível).

CLEUZA: Conta, ela conta. Agora eu num falo que ela conta, né? Porque, mas ela contava muita coisa pra nós, porque agora ela tá bem... Ah! Só Deus. Eles chegaram, jogaram nós lá no lugar lá de... Ah, eles falam num lugar onde só tinha prostituta, sabe? Jogaram as muierada pra lá praquele lugar, ai ficaram lá, ninguém sabia nem onde, nem que rumo ia tomar, até que pareceu um pessoal lá e recolheram eles, foi lá pra aldeia. Praticamente jogaram na cidade, num foram na aldeia, aí levaram eles pra cidade ou pra aldeia, né?

JULIANA: Em Maxakali?

CLEUZA: Era, em Maxakali. Fico muitos anos lá, diz ela que sofria, né? Que queria vir embora, prantava a roça, num podia colher puque eles colhia tudo, eles tomava. Até

hoje... Cê conhece eles, né? Ai num podia, era aquele sofrimento, só prantava, mas não colhia.

ENTREVISTADOR: E ai quando que os Krenak voltam? A senhora sabe? Como que eles trouxeram ela de volta pra cá?

CLEUZA: Num sei contar muito, não. Eu sei da minha mãe, que a gente foi pra Guapá, ai tomou a decisão de ir pra Vanuire. Aí a gente foi pra Vanuire, ai ela conta que foi, a gente foi pegando carona, né, ora ia a pé, ia pegava é... Chegava no fazendeiro, contava a situação, lá eles dava, mandava a gente dormir no curral, aí a gente durmia, lá eles levava comida, né? Pra gente, dava leite, ai fazia uma marmita pra gente e aí a gente ia andando, até que outras pessoas dava carona também até chegar lá na aldeia lá em São Paulo.

JULIANA: E nessa época em Vanuire já tinha os outros Krenaks ou vocês foram os primeiros a chegar?

CLEUZA: Não, lá em Vanuire tinha, tinha o Zé Nato, que é morto, já morreu o Zé Nato, e um tio meu, né? Que eu lembro era só eles, na época. Já tinha sim, esses dois casal lá.

ENTREVISTADOR: E você voltou pra cá quando?

CLEUZA: Voltei pra cá acho que foi em oitenta e ci... Oitenta não... Deixa eu ver...

ENTREVISTADOR: 14 menos 10...

CLEUZA: 86... Eu sei que eu voltei pra cá eu tava com 28 anos. 28 anos. Foi logo que eles, eles fizeram despejo, né? Aqui. Não sei se era o terceiro despejo já que eles tinham feito, né? Ai a Laurita, ela é casado com o primo dela né, ai a Laurita pediu reforço pra gente vir, ai o pai dele também, o Nadio e ai nós viemos pra cá. Veio eu, Nadio, veio de família Nadio, o Zezão, veio uma irmã minha, sei que veio umas oito família, só que as oito num ficaro, resolveu voltar. Aí eu fiquei. Ficou eu, o Zezão, o Nadio, Orete, da família... Tamo aí, até hoje.

JULIANA: A senhora veio já com os fazendeiros ainda aqui, com os guerrilheiros, ou já tinham saído?

CLEUZA: Quando eu vim, essa aqui, aqui num era... Aqui era tudo fazendeiro, a gente só ficava em 13 hecta e lá... Não sei se cês já andaro lá no... Na barca?

JULIANA: Na barca.

CLEUZA: Era só lá, só aquele pedacinho, 13 hectar, ficava todo mundo embolado ali, aí até que ganhou a terra. Só que dali eu tive que sair que era muito aperto, fui sair pra fora, fui pra Vitória, com os meus meninos, mas eu sempre tinha contato com a

Laurita, ai ela falava “oh! Num cria os seus minino na cidade não, quando ganhar terra, tá quase pra ganhar terra, eu ligo pra vocês, cês vêm pra”, aí assim que resolveu o problema da terra, aí eu vim. Ai logo meu... Eu perdi o meu marido também, o pai dos meu meninos, esse que eu moro num é o pai do meus meninos, já é o segundo casamento. Veio pra cá... Eu acho que num fico nem cinco ano, depois que a gente veio pra cá ele morreu.

ENTREVISTADOR: Como que era o nome do seu marido?

CLEUZA: Zezinho. Era Zezinho (trecho incompreensível).

JULIANA: Ai, Zezinho que era o marido da senhora.

CLEUZA: Ele era irmão da Deja, Dejanira.

JULIANA: E esse marido da senhora tinha ficado aqui, não tinha?

CLEUZA: Tinha, ele ficou, ele coisou o reformatório ele contava muita coisa também. Ele falava que eles não podia brinca de bola, uma vez ele tava brincando de bola mais pai do Douglas, né? Mais o Nadio, e eles foram buscar ele e amarraro as mão deles assim, nossa não é bom lembrar. Disse que marravam eles e sai puxando o cavalo pra... Pra levar embora, né? Que tinha horário, né? Tinha horário pra eles recolher, né?

JULIANA: Eles eram muito pequenos nessa época, né?

CLEUZA: Era, era criança uai, praticamente criança. Jovenzinho.

ENTREVISTADOR: Ele contava também alguma coisa sobre o quê que ele fazia assim todo dia, o quê que mudou na vida, assim?

CLEUZA: Você fala dele, quando ele...

JULIANA: É do seu Zezinho.

ENTREVISTADOR: Por exemplo quando vivia aqui e foi pra lá, assim, o quê que mudo?

CLEUZA: Aqui ele trabalhava... Aqui ele trabalhava é... Carregando almoço pros policiais, né? Ele contava. Aí num podia sair pra brincar, tinha que ficar ali, quando saia pra brincar era... Eles buscavam eles de... Até batia neles. Ai quando ele foi pra Guarani... Daqui eles foram pra Guarani, de Guarani eles foi pra São Paulo também.

JULIANA: Eles também chegaram a ir pra São Paulo?

CLEUZA: Foi, foi. A gente casou lá. Eu conheci ele lá, desde então eu não conhecia ele, né? Ai eu conheci ele lá, que ele foi mais a Laurita, né? Laurita, o Nadio, o Nadio também casou lá. A gente, depois que eu tive meus menino tudo ai a gente veio pra cá.

JULIANA: E a gente sabe que esses assuntos são difíceis, são delicados, então a senhora diz pra nós, né? O quê que é possível conversar, a gente sabe que são coisas que são muito difíceis, né?

CLEUZA: Uhum. O que machuca a gente é a separação dos parente.

JULIANA: A senhora chegou a se separar de outros parentes, assim, nesse momento também?

CLEUZA: Já, já sep... Aqui praticamente só vive eu e um irmão meu.

JULIANA: Além da mãe, tem outros parentes da senhora em Vanuire?

CLEUZA: Tem meus irmãos, tudo, tudo fica lá, meus irmãos tudo. Fiquei 13 anos sem vê eles, 13 anos sem poder ver a minha mãe, sem contato, na época não... A gente num tinha telefone, era muito difícil. Aí fiquei 13 anos sem ter contato, sem ter notícia. De vez em quando o Nadio, o pai dos meninos, saia no encontro e encontrava algum deles, aí trazia notícia pra gente, era assim. Agora, graças a Deus, tem telefone, tem tudo, eu converso com a minha mãe quase todo o dia.

JULIANA: E os irmãos da senhora pensam em voltar pra cá?

CLEUZA: Não fala não, disse não. Criaro raiz lá, tenho um irmão que é cacique lá, ele trabalha na coisa da saúde lá também, outros trabalha na FUNAI, mas eles tem vontade, mas aí é o problema, é o serviço, né? E chega aqui é complicado, né? Nossa, eles têm isso, têm o sonho de voltar, mas... Só o sonho mesmo, porque... Condição é difícil.

JULIANA: (Trecho incompreensível) um pouquinho mais cedo a senhora falava de como é que foi, né? Ter que pensar em ir pra cidade, pra cuidar dos seus meninos, ter espaço pra ficar com os meninos... Como é que foi essa coisa de ter que criar os meninos nessa situação?

CLEUZA: Quando? Você fala quando eu fui pra Vitória, né?

JULIANA: Isso, que aí a senhora falou que tava difícil também...

CLEUZA: Tava muito apertado, ai eu conheci ele, ai eles não aceitava... Como eles dizem, eles dizem branco, né? Porque o meu marido não é índio, né? Aí na época eles não aceitava, né? E a gente foi pra Vitória. Lá a gente... Ficou lá, acho que uns dois anos, só que lá tava sendo difícil porque os meus meninos não estudava, num podia estudar, eu tinha medo, né? Era muita violência, eu vi coisas que eu nunca tinha visto na minha vida, nosso Deus! Eu não via a hora de vir embora, de voltar pra trás. Muita violência mesmo. Aí coisas que eu nunca tinha visto na minha vida, ai tinha medo né. E os meninos sem estudar.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E cês sobreviviam de que, assim?

CLEUZA: Lá?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É.

CLEUZA: Lá meu marido trabalhava de pedreiro, né? Fazia os bico, né? Pra sobreviver. Eu trabalhava era fazendo faxina também.

JULIANA: E aí nesta volta pra cá a senhora achou que as coisa fosse melhorar?

CLEUZA: Ah, melhorou.

JULIANA: Foi bom?

CLEUZA: Foi bom, apesar da gente não tinha condição que a gente tem hoje, mas só o fato de você ser livre, tá, né? Você ver seus fio andar, num ter perigo, você vê... Eles sai daqui pra ir lá na Laurita a gente não preocupava, porque as vez eles ficava pra lá brincando com os moleque chegava aqui até de madrugada, mas a gente num tinha aquele medo, Deus me livre! Na cidade as crianças num pode nem sair na porta, né? Aí a gente sabia que estava pra lá ao redor de uma fogueira, né? Escutando história do mais velho, isso ai a gente sabia que era isso que tava acontecendo, não tinha, né? Essa preocupação, tava mais tranquilo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Desde que vocês voltaram você veio pra essa casa aqui?

CLEUZA: Eu veio pra cá. Isso aqui era tudo caído. Eu acho que cê chegou a ver, cê num chego, não? Ela era bem arruinada e a gente foi reformando aos poucos.

JULIANA: Mas já era da senhora, da família da senhora essa casa?

CLEUZA: Não, era dos fazendero. Era de fazendeiro.

JULIANA: Sim, sim. É verdade, a senhora... Essa parte era tomada ainda.

CLEUZA: É, não era ainda tomada ainda não, mas a gente morava... Ficava lá, e de lá a gente foi pra Vitória.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ai te avisaram que ganhou.

CLEUZA: É a Laurita, acho que quando tinha 15 dia que tinha... Ela tava esperando normaliza, os fazendeiros sair, né? Pra ela me chamar e ai ela chamou.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tem uma história... Tem uma história de que quando a terra foi devolvida, homologada, que o Prefeito de Resplendor, junto com os fazendeiros, eles pegaram tratores da prefeitura pra vim derrubar as casas aqui?

CLEUZA: Foi. Foi dessa vez mesmo. Aqui mesmo, ali na frente tinha o curral, aqui na frente tinha outra casa, lá onde a Valquíria mora diz que era 3 casa, derrubar. Só num derrubo tudo porque não deu tempo, foram derrubadas. Tinha um fazendeiro que

ele fazia questão de vim todo dia com carro de leite pra cada dia ele derrubar um pedaço da casa.

JULIANA: Mesmo depois?

CLEUZA: Mesmo depois, porque não tinha, o índio tava com medo, né? Ainda era coisa nova, não tinha costume com aquilo, ai ficava com medo dele. Ele tinha fama de bravo. Aí ele fazia questão de todo o dia vinha com carro de leite, aí ele derrubava um pouco, todo dia. Até que os índio crio coragem, né? Aí...

JULIANA: E Laurita chega a contar como é que foi essa saída deles, aqui?

CLEUZA: Quem?

JULIANA: A Laurita. A Dona Laurita.

CLEUZA: Cê fala pra onde? Dos fazendeiros?

JULIANA: Isso. Como é que foi isso aqui dentro da aldeia?

CLEUZA: Não, pra mim ela nunca contou, não. Que eu sei que a Federal que tirou eles. Deu orde de... Que dá prazo, né? Deu um prazo pra eles de sair, saíro. Só que eles num respeitava, eles vinham e... Ali mesmo, ali em cima ali, tem um lavra, aí quando o fazendeiro daqui saiu ele tava mexendo, ai já nós tava uns 3 dias que nós tava aqui, que nós viu um carro vino dali, essa estrada era aberta, aí nós entro pra dentro, tudo quietim, né? Ai ele foi lá ver esse lavra ainda, fazendeiro.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Lavra de...?

CLEUZA: Ah, é de pedra, né?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É a mica que eles chama?

CLEUZA: Não sei, eles fala que é pedra preciosa, lá naquela... Tá vendo lá, aquele ali aqueles branco lá? Lá tem um túnel, um túnel de todo tamanho. Entra assim, aí chega cá em baixo tem um buracão, eu não sei se tem ainda, porque choveu muito, deu muita chuva, faz tempo que não ando pra aquele lado lá, mas tem... Eu a Deja, nós já entramo dentro daquele túnel, ficaro brabo cum nós. Eles chegaro a vir ai ver essa... Aí não sei se queria mexer, né? Que eles achou que não tinha ninguém aqui, porque aqui é um lugar mais afastado, né?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E a senhora lembra quem eram esses fazendeiros?

CLEUZA: Eu não sei o nome deles, não. Eu sei que era um povo alemão, que era uns alemão que morava aqui.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O Douglas depois você pode pedir, ele tem umas fotos do dia da desinclusão (trecho incompreensível).

CLEUZA: É eles pesquisa muito. Num entrevistou ele ainda, não? Ele sabe muita coisa, nossa eu tenho uns irmãos lá em São Paulo também, eles conta muita coisa. Ixi! Eles conta muita coisa. Porque eles já foro daqui rapazinho, então já foi rapaz daqui, eu praticamente eu fui com três anos de lá.

JULIANA: A senhora não tem recordação da vida aqui antes de voltar mais velha?

CLEUZA: Não tenho.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A senhora chegou a ir pra Fazenda Guarani também? Morar lá?

CLEUZA: Morar não, eu fui passear quando o pessoal morava de Vanuire e eu e minha mãe nós fomo lá pra ver a tia Lucina, tio Joaquim Grande, tia da minha mãe...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Nessa época que a senhora veio, pelas contas que eu fiz aqui, a senhora nasceu em 61 e veio pra cá com 28 foi 89, mais ou menos.

CLEUZA: É. Eu disse por aí.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Que a senhora morou ali na... Lá embaixo onde era o patronato, né?

CLEUZA: Morei.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aquela região pequena antes de ir pra Vitória.

CLEUZA: Isso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E ainda existia o, onde era o presídio?

CLEUZA: Ah, sei. Aquela ruína, o presídio...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Já era ruína ou ainda tava em pé?

CLEUZA: Não, já era ruína, já tinha cedido, né? Já tinha caído. Tinha a cadeinha, tinha ainda, ainda tinha a cadeinha ainda. Porque eu não sei como é que chamava aquilo, era onde que o coloca... Tirava daquele presídio lá e colocava lá, sozinho, como que chama isso?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: solitária.

CLEUZA: Acho que é.

JULIANA: Que era o lugar onde ficava pingava água?

CLEUZA: É.

JULIANA: E a pessoa sozinha?

CLEUZA: Isso.

JULIANA: Já ouvi falar que até chamava de 'Cachorro Quente' aquilo, não sei se é verdade?

CLEUZA: Não sei, só sei que era o lugar onde punhava só uma pessoa só. Lá existia ainda, quando eu vim. Tava perfeitinho ainda, as grade, o cômodo...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E dessa época, que a senhora morou ali, tinha muita briga com os fazendeiros que estavam ocupando o território ou vocês nem se encontravam?

CLEUZA: Não. Tinha medo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tinha medo, né? De interagir com eles, né?

CLEUZA: Tinha medo. Eles provocavam, né? Mas a gente não deixava se levar pra provocação deles, né? Pensava nas crianças, né? Da gente.

JULIANA: Interessante. Só uma coisa pra senhora, por favor, desse tempo nos Maxakali a senhora tem lembrança, assim?

CLEUZA: Não tenho, não tenho.

JULIANA: Porque a senhora lembra quando a senhora foi no Vanuire depois, a senhora lembra quando que foi?

CLEUZA: Não.

JULIANA: A senhora foi bem pequenininha quando foi pra Maxakali, né?

CLEUZA: Eu era pequena, eu acho, parece que a minha mãe falou que a gente não ficou lá só, não chegou a ficar dois anos, né? É, porque não ficou aguentano, não aguentava, porque eles gostavam de plantar as coisa dele, mas ai num... Passava fome, né? Tava passando até fome, porque tudo que colhia era para comer, aí os Maxakali comia tudo. Minha mãe conta que nem roupa a gente não tinha, que no caminho, que os pessoal tinha dó, né? Vê a gente tudo maltrapilho, pegava e dava as roupinhas. A minha mãe conta que ela foi muito ajudada pelas estrada, encontrou muita gente boa. Ela contava, quando ela foi pra lá, eu não sei se você já viu a foto do Mario, meu irmão caçula, ela tava de resguarda dele. Por isso que eu falo é... Eu lembro que foi em 64, porque foi em 64 que ele nasceu, ai foi quando o trem matou o meu pai, também em 64. Tudo isso aconteceu, em 64. Ela não aguentou ficar aqui, né? Aí matou ele e aconteceu esse negócio de ir pra, lá pra esse despejo, pra lá, né? Pra Maxakali.

JULIANA: Mas como foi isso do pai da senhora?

CLEUZA: Ele trabalhava pescando, né? Ele foi vender peixe. O, cês forem entrevistado o Zezão, o Zezão conta direitinho, o Zezão tava com ele. O Zezão, quase matou ele também, porque foi segurar ele assim...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Era de dia ou de noite, a senhora lembra?

CLEUZA: De dia. De tardezinha.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: De tardezinha. E foi ali perto do Porto da Barca?

CLEUZA: Não. Cê sabe onde é o ABB? Foi quase ali perto, por ali assim.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: ABB já é, não sei se você conhece, já é pertinho ali na cidade, dá o que ali de Resplendor a ABB uns 2 quilômetros, dá nem isso?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Acho que nem isso. Dá 1 quilômetro.

CLEUZA: É acho que não. É bem perto.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Então eu acho que é só isso mesmo, muito obrigado.

JULIANA: A gente agradece muito a senhora nos receber, (trecho incompreensível) assunto muito, às vezes, difíceis de falar, sabe? E aí a gente agradece a senhora partilhar o seu conhecimento com a gente.

CLEUZA: Tô às ordens, a hora que precisar, apesar de não coisa muita coisa, mas a gente fala o que sabe, né?

JULIANA: Sim, com certeza.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Muito obrigado.

JULIANA: A gente agradece muito.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tirar umas foto aqui, a gente esqueceu de tirar... Se incomoda de partilhar a sua beleza?! Eu tô de auxiliar do Douglas agora, eu sou assistente (trecho incompreensível)

INTERLOCUTORES NÃO IDENTIFICADOS: (Trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Só pra perguntar, o nome completo da senhora é qual?

CLEUZA: É Cleuza Cecília do Marcelino de Souza.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Obrigado.

CLEUZA: No idioma é Rachá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Cleide é um nome...?

CLEUZA: Cleuza.



INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Agora o nome da senhora na...?

CLEUZA: Indígena é Rachá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Anota, por favor.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tá gravando aí. Por isso tô perguntando.

Agora imagina o povo digitando esse negócio!

INTERLOCUTORES NÃO IDENTIFICADOS: (Trecho incompreensível)

JULIANA: Muito obrigada!

CLEUZA: Fica mais.

JULIANA: A gente vai ficar, a gente vai voltar.